

Das viagens e dos retornos: espaço e homoerotismo em *Nossos Ossos*, de Marcelino Freire

On trips and returns: space and homoeroticism in Nossos Ossos, by Marcelino Freire

Alex Bruno da Silva

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Goiânia | GO | BR

alexprofessor100@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6130-8592>

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre o deslocamento do narrador-protagonista Heleno, do romance *Nossos Ossos*, de Marcelino Freire. Defende-se, portanto, a hipótese de que o romance em questão articula a figura da viagem à possibilidade de (auto)conhecimento identitário, na medida em que os anseios, os estranhamentos e o contato com o outro produzem dissensões, rupturas, agenciamentos e itinerários novos. O narrador Heleno efetua uma viagem de deslocamento espacial, mas também uma jornada de aprendizado pessoal e subjetivo. É um corpo que apresenta marcas discordantes e discursos dissonantes dos formulados acerca de um corpo ideal, sendo relegado ao espaço do abjeto e, com isso, demanda reconhecimento como parte integrante dos diferentes espaços sociais. Ademais, falar de corpos *queer* e mobilidade na literatura implica em uma subversão aos padrões convencionalizados na produção literária, visto que tais corpos deslocados pertencem a narrativas que foram, por vezes, deixadas às margens da crítica literária. Fundamenta-se a discussão nas proposições de Doreen Massey (2015), Louro (2020), Butler (2000, 2019), dentre outros.

Palavras-chave: deslocamento; corpo *queer*; Marcelino Freire; narrativa brasileira contemporânea.

Abstract: This article presents a reflection on the displacement of the narrator-protagonist Heleno, from the novel *Nosso Ossos*, by Marcelino Freire. Therefore, the hypothesis is defended that the novel in question articulates the figure of travel to the possibility of identity (self)knowledge, insofar as desires, estrangements



and contact with others produce dissensions, ruptures, agencies and new itineraries. The narrator Heleno undertakes a journey of spatial displacement, but also a journey of personal and subjective learning. It is a body that presents discordant marks and discourses dissonant with those formulated about an ideal body, being relegated to the space of the abject and, therefore, demands recognition as an integral part of different social spaces. Furthermore, talking about queer bodies and mobility in literature implies a subversion of conventional standards in literary production, since such displaced bodies belong to narratives that were, at times, left on the margins of literary criticism. The discussion is based on the propositions of Doreen Massey (2015), Louro (2020), Butler (2000, 2019), among others.

Keywords: displacement; queer body; Marcelino Freire; contemporary Brazilian narrative.

Viajar é fatal para o preconceito, a intolerância e a pobreza de espírito.

Mark Twain

1 Considerações iniciais

Discutindo a ideia de viagem em seu aspecto físico ou metafórico, Octavio Ianni (2003) destaca que diversificadas viagens, breves ou demoradas, podem demarcar modos de descobrir o “outro”, como também modos de descobrir o “eu”. O sentimento de medo ante o novo e a coragem de mergulhar em um espaço desconhecido, a tolerância e o preconceito frente à alteridade, o ensimesmamento e a abertura à pluralidade, dentre outras questões, aparecem atreladas à experiência da viagem:

A viagem pode ser uma longa faina destinada a desenvolver o eu. As inquietações, descobertas e frustrações podem agilizar as potencialidades daquele que caminha, busca ou foge. Ao longo da travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre mesmo e diferente, idêntico e transfigurado. Pode até revelar-se irreconhecível para si próprio, o que pode ser uma manifestação extrema de desenvolvimento do eu (Ianni, 2003, p. 26).

O tema da viagem mistura-se com o da própria descoberta de si, evidenciando as transformações da identidade. No contexto da ficção brasileira dos últimos anos, em que a

desarticulação da concepção de identidade integrante aparece atrelada à experiência da viagem, poucas são as personagens cuja construção identitária está articulada à fixidez, à estabilidade espacial. Regina Dalcastagnè (2012, p. 110) aponta, dentre outras questões em relação aos sujeitos ficcionais, que “personagens efetivamente fixas na sua comunidade estão quase ausentes da narrativa brasileira contemporânea”. Assim, houve um crescimento dos estudos acerca das noções de mobilidade, desterritorialização, migração e errância que problematizam o modo como esses processos surgem na ficção contemporânea.

Se pensarmos o espaço, na definição da geógrafa Doreen Massey (2015), como “produto de inter-relações” em processo de formação e que torna possível a multiplicidade de vozes e temporalidades, trata-se, nessa concepção, de uma categoria que molda as identidades, uma vez que elas são constituídas ou reconceitualizadas nas interpelações espaciais. Para Massey (2015, p. 31), “a simples possibilidade de qualquer reconhecimento sério de multiplicidade e heterogeneidade em si mesmas depende de um reconhecimento da espacialidade”. Para isso, é preciso considerar a categoria do espaço em justaposição à (re)construção de identidades (de gêneros, de culturas, de orientações sexuais e de idade), como aponta a geógrafa. Assim, caminhamos para além do trânsito espacial ou da viagem apenas como um deslocamento físico.

Entender a viagem como espaço de formação da identidade/do corpo, ou seja, como experiência de (auto)conhecimento identitário é também arriscar-se a desconfortos e a incomodar, sobretudo, sociedades e/ou espaços heterossexistas. A mobilidade e a metáfora da viagem são movimentos que nos informam sobre o reconhecimento do corpo também como território de representações temporárias e desviantes. Se, como aponta Guacira Lopes Louro (2020), é possível pensar o sujeito (corpo) *queer* como um viajante em trânsito, de modo que o importante em sua viagem, ao longo de sua vida, é o mover-se. A viagem, portanto, “transforma o corpo, o caráter, a identidade, o modo de ser e de estar [...] As mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até mesmo antes dele)” (Louro, 2020, p. 15).

Sob esta perspectiva, a viagem é compreendida como uma travessia e não um destino, em que o sujeito, para além da rota pré-determinada, lança-se na imprevisibilidade do caminho, aventura-se pelo risco da sexualidade/identidade estranha e subversiva. Estes aspectos refletem uma das características dos textos literários com temática homoerótica. Nesse contexto, José Carlos Barcellos (2006) entende as relações entre literatura e homoerotismo como um campo múltiplo e heterogêneo que possibilita efetuar outros olhares e outras formas de expressões pessoais e sociais até então recalcadas pela lógica heteronormativa dominante. Segundo Barcellos (2006, p. 14), o homoerotismo se estabelece como “discurso que se articula a partir de inúmeras práticas sociais e vivências pessoais, as quais [...] são passíveis de uma abordagem de conjunto produtiva, iluminadora e, eventualmente, libertadora”.

O conceito de uma literatura homoerótica, nessa perspectiva, problematiza estruturas hegemônicas do conhecimento e interpõe, no campo literário, uma literatura da diferença potencializando, conseqüentemente, significados que desmantelam a quebra dos binarismos em relação ao corpo, ao gênero e ao sexo. Ao longo do século XX, as discussões sobre o corpo e as práticas sexuais ganharam maior fôlego principalmente com os estudos de Michel Foucault (2010, 2014, 2019) que mostram como o corpo é, acima de tudo, uma construção discursiva e está também diretamente mergulhado num campo político.

Para o teórico, o corpo é investido por relações de poder postas em jogo pelos regimes disciplinares, pelas normas da cultura, mas “cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças” (2014, p. 30). Ademais, a partir do momento que o poder, em diferentes lados ou feixes, penetra no corpo, encontra-se, simultaneamente, uma organização arquetônica de controle e vigilância da sexualidade, mas “a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um pelo próprio corpo...” (2019, p. 236). Nesse movimento, Foucault acena para uma resistência que pode ser pensada no interior de uma cultura, pois “a proliferação de prazeres” e “a multiplicação de sexualidades disparatadas” (2010, p. 57) amparam os corpos que contrariam a disciplinarização e a normalização da sociedade.

É em vista disso que uma parte dos estudos *queer* tem origem no pensamento pós-estruturalista de Michel Foucault. Um dos aspectos mais importantes da teoria *queer* é a ruptura com os binarismos que estruturam a cultura ocidental contemporânea calcada na heteronormatividade, na qual os dispositivos discursivos de poder e as normas regulatórias disciplinares voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites. É por essa razão que Judith Butler (2000), fundamentada na poética *queer*, elucida que o sexo não funciona apenas como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa. Contudo, a teórica *queer* ressalta que, mesmo com as reiterações das convenções de gênero, a materialização não é nunca totalmente completa,

que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória (Butler, 2000, p. 152).

Essas “rearticulações” negadas ou excluídas da hegemonia heterossexual – homogeneizante e hierarquizante –, correspondem politicamente às práticas *queer* cuja significação abarca o conjunto dos excluídos e a pluralidade de identidades que desafiam a heteronormatividade. As subjetividades *queer*, portanto, desestabilizam a concepção de um “eu” integral e unificado ao mesmo tempo em que expõe/denuncia a heterossexualidade compulsória (Butler, 2000, 2019) como matriz/instituição opressora.

A questão que aqui se coloca diz respeito a personagens *queer* que se deslocam em espaços conflituosos ou adversos e à representação desses sujeitos nesse contexto. Entra em discussão, assim, a figura da viagem à possibilidade de uma experiência – ora sobre si, ora sobre o outro – calcada na lógica do enfrentamento, do reconhecimento, do encontro ou da abjeção. Essa discussão centra-se no romance *Nossos Ossos*, de Marcelino Freire, publicado em 2013. Nesse caso, está em questão o modo como a narrativa articula a experiência do deslocamento à atuação dos papéis de gênero como norteadores identitários, deslocamento esse que implica uma mudança não apenas da geografia de trânsito, mas também da paisagem subjetiva.¹

¹ Este artigo é parte do projeto de pós-doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, sob a supervisão do Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo.

O que se nota mais detidamente em *Nossos Ossos* (2013), na apreensão das nuances relacionadas à representação de sujeitos/corpos *queer* em situação de mobilidade, entre o espaço do interior do sertão e o espaço da metrópole, é o deslocamento de retorno e o reencontro com o passado que implicam, de certa forma, nas transformações identitárias que afetam a existência do protagonista desse romance.

Assim, cabe salientar que os espaços são partes significativas na trajetória dos sujeitos ficcionais, funcionando muitas vezes como reguladores e formadores, atestando normas sociais que reservam aos sujeitos específicos lugares que podem ou não demonstrar seus afetos. Logo, o movimento de regresso, em *Nossos Ossos*, não é um retorno de mero reencontro com o passado, tampouco uma atitude de sobrevivência socioeconômica, é, pois, uma experiência subjetiva rasurada não só por tempo e espaço, mas principalmente por tratar da identidade que não se adequa aos signos do sertão e à heteronormatividade.

2 “A minha viagem seria longa...”

Em *Nossos Ossos*, a narração autodiegética (Genette, 1995) dá azo ao processo de internalização do deslocamento físico. O protagonista Heleno Gusmão—assumindo sua condição de narrador póstumo, pois revela ao leitor, ao final da narração, que cometeu suicídio—é um dramaturgo nascido em Sertânia, cidade no interior de Pernambuco, que migra para São Paulo quando Carlos, seu primeiro amor, muda-se para lá e o convence a fazer o mesmo. No entanto, quando a narrativa inicia, o narrador Heleno de Gusmão está em um momento de crise, abalado pela morte de Cícero, um michê, também de origem nordestina, com o qual havia saído algumas vezes e prepara-se para fazer uma longa viagem: precisa entregar o corpo morto do michê para a família em algum lugar do interior nordestino.

Fazendo o caminho inverso que já havia feito antes, Heleno conduz, em espírito e ao lado do motorista de um carro funerário (Seu Lourenço), o corpo de Cícero que, como ele, migrara para São Paulo anos antes, em busca de uma vida melhor:

[...] nunca pensei que ia encerrar deste jeito minha história em São Paulo, demorei a encerrar, depois de muito lutar, fechei os olhos e guardei, sobressaltado, o outro dia chegar, logo cedo não seria fácil enfrentar dois mil e tantos quilômetros até o Recife, de lá para Poço do Boi outras quatrocentas léguas, pensei que, se eu tivesse que escrever, na vida, uma outra peça de teatro, escreveria esta, a de um dramaturgo de sucesso que atravessa o Brasil em um carro funerário, levando, para seu último descanso, o corpo de um garoto de programa com que ele havia trepado, uma história, digamos, de amizade, ao que parece, também daria um bom filme essa viagem, se não fosse ela, em vez de ficção a mais pura verdade (Freire, 2013, p. 75-76).

No presente da narração, deslocando-se por uma estrada em uma viagem que o coloca diante de imagens temporais diversas sobre si mesmo, Heleno pode olhar também para o outro, aquele—ou aqueles—com quem se cruza ou se cruzou pelo caminho: “se o viajante fura o horizonte da proximidade e transpõe os limites de seu mundo para fixar a atenção mais além [...] A viagem, então, como olhar, vazando por esses poros, temporaliza a realidade reempregando a busca de seu sentido” (Cardoso, 1995, p. 359). O narrador Heleno articula

tempo e espaços ao seu relato – de forma não linear – na construção de uma (re)visão de sua identidade e da do outro, nesse caso, de subjetividades *queer* cuja acepção fixa e estável não se sustenta. Na composição de uma voz que narra ao longo de um deslocamento, somam-se à narração a condição de outros sujeitos homoeróticos marginalizados desde as zonas geográficas até as corporais: a travesti e os michês.

O romance é dividido em “Parte Um” e “Parte Outro”, nas quais Heleno apresenta fragmentos de lembranças e digressões, focalizando fatos de sua mudança para São Paulo, quando jovem, e o abandono do seu então namorado, Carlos, bem como a saga de organização do transporte de Cícero, o traslado do corpo pelo interior do Brasil, e também do seu próprio corpo para Sertânia, em consonância com relatos de suas relações artificiais, mediadas pelo dinheiro, com michês em espaços marginais – o gueto, a rua à noite, hotéis baratos, metrô e outros lugares de trânsito.

A viagem do retorno às origens, narrada a partir da “Parte Outro”, é ocasionada pela morte de Cícero – “o meu boy morreu, foi o que o michê veio me dizer” (Freire, 2013, p. 18) –, e serve, também, de gatilho para o trabalho lacunar da memória do narrador à medida que esse regresso à cidade natal traz à tona a ambivalência da morte, seja ela simbólica ou real, como também evidencia a condenação da carência e os sonhos não realizados – engolidos pela cidade grande: “porque não pedi para apagar o nome da funerária, a letra estampada, na lateral, em dourado, era um anúncio da tragédia, ou do meu fracasso, vim para São Paulo atrás de um corpo vivo, volto agora, para a minha terra, carregando uma sombra, um espírito defunto, algo em mim que ficou extinto, inânime, à boca do túmulo” (Freire, 2013, p. 86).

Logo, o deslocamento do retorno se reveste de um sentido emblemático, pois é no caminho de retorno ao sertão que o narrador protagonista confia suas dores e narra a travessia da vida, do corpo, a crença no amor e expõe a desumanização da identidade gay. Heleno narra sua vivência em trânsito, cuja experiência homoerótica parece conduzir a decisão categórica de enterrar os ossos e pôr fim a uma jornada abjeta no espaço de origem: “a minha vontade é viver o fim da vida na casa em que meu pai morou, bem ao lado ficava o largo em que eu e meus irmãos caçávamos dinossauros, restos de civilização, tribos inteiras, como a do índio que vi, longe das suas origens, em decomposição” (Freire, 2013, p. 110).

Enquanto narrador-protagonista, Heleno nos permite outras representações de masculinidades nordestinas na literatura brasileira, as quais não estão silenciadas ou interditas por uma voz em terceira pessoa que, frequentemente, se insere entre narrador e personagem. Assim sendo, outra possibilidade promovida pela voz autodiegética diz respeito à existência de um eu narrante e um eu narrado, os quais permitem a Heleno confrontar os diferentes momentos de sua vida, o que promove a cisão do narrador em um eu do passado e o eu do presente e, com isso, a narração de seu descolamento o situa como “um sujeito maduro, [que] tendo vivido importantes experiências e aventuras, relata, a partir dessa posição de maturidade, o devir da sua existência mais ou menos tribulada” (Reis, Lopes, 1988, p.118).

Além disso, a perspectiva homoerótica sobre o mundo, tão rara na tradição literária brasileira, é explorada por Marcelino Freire com liberdade e ousadia: “O michê não sabia gemer, mal eu triscava seu mamilo, ele assobiava mole e diziam mais e mais, goza, goza, vai, nem bem havíamos começado a trepada já me chamava de viado, cachorrinho, eu logo me imaginei em um outro palco [...]” (Freire, 2013, p. 40).

A construção da personagem protagonista ancora-se nas relações que estabeleceu com Carlos e com os garotos de programas, nas condições em que viveu, nos espaços onde

morou e por onde se deslocou: “à medida que viaja, o viajante se desenraíza, solta, liberta” (Ianni, 2003, p. 31). Em São Paulo, Heleno torna-se dramaturgo, tenta suprir a carência e o sentimento de não pertencimento à cidade mantendo um fluxo constante com os michês – os corpos de quem paga, bem como os descarta. Essas situações indicam para a absorção – voluntária ou não – sofrida pelo narrador protagonista no contexto metropolitano. Alguns trechos exemplificam essa ideia:

A primeira vez com um michê foi por engano, eu não entendi o que queria de mim o rapaz com cara de índio, será que ele piscou mesmo para os meus olhos, balançou o sexo, sedutor, é sério? [...] Aí ele me cobrou, ao final, uma ajuda para o trem, para o lanche, para comprar um refrigerante, eu dei e me acostumei a procurá-lo na Estação da Luz, encostado na grade de proteção, ele, na cama, era um vagão em cima dos trilhos, veloz e pesado me levou para onde eu não quis (Freire, 2013, p. 33).

Não há diferença entre mim e essa legião de alemães, espanhóis, argentinos, pesado, de culpa, eu me ofendo e sujo, para isso a morte de Cícero serviu, para que eu tomasse consciência do uso que eu fiz, dorsos, nus, jovens putos, à venda, como uma mercadoria, exposta [...] (Freire, 2013, p. 112).

Ainda que à revelia, Heleno se intoxica com o ritmo desenfreado e libidinoso da cidade grande, visto que o contato com o outro coloca no cerne do seu deslocamento para fora do interior de Pernambuco a absorção das práticas do lugar para onde migrou. É nesse sentido que, com Massey, pode-se dizer que “chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de alguma forma ligar-se à coleção de estórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito” (Massey, 2015, p. 176).

Contudo, a volta às origens, viajando pela estrada em um carro de funerária, enfatiza a imagética ânsia em reencontrar os locais com que estava habituado e os afetos perdidos com o deslocamento, naquilo que Massey define como uma geografia do afeto: “Há um entendimento hegemônico de que zelamos primeiro e temos nossas primeiras responsabilidades em relação aos que estão mais próximos. É uma geografia do afeto que é territorial e que emana do local.” (Massey, 2015, p. 263).

A construção da memória está vinculada aos sujeitos e suas identificações com os espaços. Logo, as paisagens regionais afetivas, os costumes, os cheiros, a casa da infância e a condição de vida surgem incorporados às memórias e digressões que norteiam o percurso mental de Heleno, durante o deslocamento de retorno:

Seu Lourenço [motorista do carro da funerária], do nada, me perguntou se eu tinha saudades do Recife, se eu voltava lá, [...] e aí me lembrei de que meu pai, à porta do quarto, antes do dia da minha partida, me deu uma oração de Santo Simão, escreveu, à própria mão, numa letra do tempo da caverna, [...] me disse, eu, dos nove filhos, o único que quis ser artista, nunca perca de vista a sua terra, as suas origens, minha mãe, no fundo da cozinha, fazia o derradeiro café, do jeito que você gosta, o leite quente, a manteiga no pão dormido, os ovos bem mexidos. Pelos arredores da Casa da Cultura existia um cinema pornô em que eu ia para dormir, porque o calor que fazia, na minha idade, sabe o calor, [...] a Praia de Boa Viagem, no final da tarde, saudades das caminhadas, o vento que batia, entre as paredes dos prédios corria uma ventania, [...] à beira do rio, vou puxando pela

memória um fio, um meio fio, eu adoraria que o Recife nos recebesse chovendo, o Rio Capibaribe enchesse para nos abraçar, a água viesse lavar o couro dos meus pés, abençoar, Seu Lourenço, eu mereço, o velho calado, a cada pensamento meu, aceso, um gesto de compreensão, o olhar, concentrado, à frente sem pestanejar, o tanto que ainda havia de chão (Freire, 2013, p. 89-90).

A viagem funciona como elemento estruturante na narrativa, o que significa dizer que é no trânsito e na fragmentação da memória – durante esse trânsito – que se revelam as marcas das vivências de Heleno: personagem narrador, nordestino e assumidamente gay. Estão em suas lembranças o lar como espaço nostalgicamente de afeto e pertencimento, para o qual ele retorna já sem vida, à procura de abrigo. Assim, o protagonista Heleno incorpora a “nostalgia do retorno”, para dialogar com a expressão utilizada por Sandra Goulart Almeida (2015) ao se referir as imaginações do lar e da terra natal que surgem nas narrativas diaspóricas contemporâneas.

Em um jogo de espelhamento – com Cícero, inclusive –, e no processo de identificação gerado pelo contato sexual e pela origem nordestina, a errância promove um retorno a outras temporalidades, pois em cada extremidade da viagem, consiste em um feixe de trajetórias: “Precisei pensar, recapitular, morto, eu morto, ao lado do boy eu viajei [...]” (Freire, 2013, p. 116). A morte é o negativo absoluto. Há, na narrativa, uma construção do corpo voltada ao domínio da abjeção, aos ossos, à decomposição dos corpos – tanto de Cícero, quanto do narrador Heleno –, à solidão e à soropositividade, pois Heleno descobre a infecção pelo vírus HIV.

Em *Nossos ossos*, avultam-se, pelo menos, três características corporais abjetas em Heleno: sua sexualidade, as marcas de sua origem nordestina subalternizada socialmente e sua sorologia positiva para o HIV. Além disso, há a representação de outros corpos que aludem aos estigmas da abjeção, como por exemplo, os corpos dos michês e da travesti Estrela – personagem que detém informações sobre a família de Cícero e é construída sob a ótica do narrador de forma objetificada, como mercenária, ao negociar as próteses de silicone para os peitos em troca do endereço dos pais de Cícero: “os peitos que ela exibia, fazendo chantagem emocional, o dinheiro que Cícero lhe pediu, meu amado, era para os meus peitos, não quero outra coisa sua, querido, se não os meus peitos, apenas os meus peitos de volta, e estamos quites” (Freire, 2013, p. 62).

O emblema da abjeção é o estranhamento, que nega e perturba o sistema/a ordem e não respeita regras ameaçando, assim, a fixidez e a unidade da identidade. Para Butler, a identificação como sujeito implica em “um repúdio que produz um domínio de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir” (Butler, 2019, p. 19). O abjeto, portanto,

designa aquelas zonas “não vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. [...] Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força da exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional (Butler, 2019, p. 18).

É esse ser abjeto que abala as fronteiras da “normalidade”, culturalmente impostas. Assim, a abjeção nos leva ao confronto com o “outro”, o estranho, o diferente, que é frequen-

temente rejeitado, mas que também desestabiliza e aproxima pela identificação da exclusão no outro. Ao contrário dos corpos dóceis, esse corpo que escapa à razão não se deixa controlar. É um corpo que excede os regimes de masculinidades e feminilidades, constituindo um lugar de perigo e poluição. Diante disso, Butler reforça:

O abjeto designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente “Outro”. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do “não eu” como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito (Butler, 2008, p. 190-191).

O próprio título do romance remete à imagem do corpo abjeto, em decomposição, na medida em que os títulos dos capítulos (“Os ligamentos”, ‘As costelas”, “Os troncos”, entre outros) remetem às diferentes partes do corpo humano, sugerindo estruturas que unem os ossos na montagem de um quebra-cabeça narrativo sobre a vida errante de Heleno. Esse jogo de montagem ou decomposição dos corpos espelha bem, no domínio da abjeção, vidas indignas de serem vividas, passíveis de abandono à morte e que questionam os limites por meio das quais as identidades são construídas.

Essa ambivalência que paira sobre o abjeto rompe os limites que determinam o que deve ser um corpo, uma vez que, conforme reitera Guacira Lopes Louro (2020), os corpos são o que são dentro de uma cultura. A cor da pele ou dos cabelos, a presença da vagina ou do pênis, o tamanho dos seios, das mãos são, sempre, características culturais que distinguem os sujeitos e limitam suas práticas sexuais. Para Louro, o processo de heteronormatividade sustenta instituições educacionais, jurídicas, religiosas, dentre outras, podendo relegar a um segundo plano os corpos que, eventualmente, não correspondem aos horizontes simbólicos das normas; “quando não são simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos” (2020, p. 99).

A noção de abjeto é, como vimos, relevante para se pensar a experiência do deslocamento, da errância homoerótica, cujo corpo foge da binaridade de gênero e aponta para o estranhamento *queer*. Pode-se afirmar que o abjeto, ao cruzar os limites da inteligibilidade simbólica (Butler, 2019), compartilha com o sujeito migrante, que se localiza na fronteira – em trânsito –, um espaço simbólico justamente pela necessidade de se deslocar, de uma acolhida incondicional do outro, no paradoxo da rematerialização do corpo – “como um recurso crítico na luta para rearticular os próprios termos de legitimidade e inteligibilidade simbólicas”, para falar com Butler (Butler, 2019, p. 19).

O paradoxo está na inevitável possibilidade de ruptura, transformando a hospitalidade em hostilidade que deriva da dificuldade de aceitação pessoal e do outro às demandas limitadas pelos imperativos heteronormativos. O processo de estruturação de um corpo desviante é complexo, prova disso é a configuração do corpo em *Nossos Ossos*: Heleno migra de Sertânia sendo um e regressa sendo outro – e com Outro. A decomposição dos corpos de Cícero e do narrador Heleno é acompanhada pela (re)composição de suas histórias. A mobilidade significou para ambos a possibilidade dos prazeres, mesmo que efêmeros. Heleno e Cícero são representantes contemporâneos dos antigos retirantes nordestinos, eles não pertencem à São Paulo. Logo, são corpos estranhos àquele lugar, porém, não somente por serem migrantes, mas, visceralmente, por serem corpos *queer*. Os ossos dos corpos mortos se convertem em signo de abjeção, mas também em uma poderosa ima-

gem crítica, trazendo à cena “personagens errantes, desgraçados mas confiantes, touros brados, povos que se põe ereto e ressuscitado, uma galeria teimosa de almas que moram entre a graça e a desgraça” (Freire, 2013, p. 27).

A simbologia dos ossos acena para um conjunto de estranhezas em torno da errância do sujeito-corpo, que é resistente, mas, ao mesmo tempo, é frágil e vulnerável. A aventura da morte se encerra como um ato derradeiro. Nesse caso, a imagem do cadáver/dos ossos é necessária e incisiva na medida em que o romance trabalha na direção crítica da ética para o reconhecimento do Outro. Ou seja, protagonizada por corpos invisibilizados e não normalizados, essa narrativa se constitui pelo princípio da diferença, da disputa pelo acesso à voz no campo literário.

3 Considerações finais

Para uma leitura produtora da relação entre homoerotismo e espaço em *Nossos Ossos*, reafirma-se a proposição de que o trânsito e/ou a experiência do deslocamento funcionam como uma espécie de articuladores na busca pela (re)construção da identidade de um personagem *queer* ao cruzar o sertão brasileiro. O narrador Heleno escreve em suas espacialidades trajetórias diferentes, conflitantes e até complementares, apontando uma perspectiva de representação da masculinidade do homem *gay* nordestino em deslocamento vinculada – ou não – a um domínio narrativo (voz e focalização) que interfere em sua composição. O espaço, nesse caso, é produzido de maneira desigual, inclusive em razão de gênero, como argumenta a geógrafa Doreen Massey (1994). Nesse sentido, cabe dizer que a identidade de um lugar não pode ser vista apenas nele mesmo, é preciso também considerar as relações externas que interagem com o local. Corpos em movimento são fontes de produção de novas histórias, novas identidades, novas relações e diferenças.

Nota-se que na construção de uma (re)visão de si mesmo e do outro, Heleno, em *Nossos ossos*, narra em trânsito, o que significa dizer também que Heleno narra porque se desloca e, com isso, amplia o espectro na medida em que vê a necessidade de falar sobre o outro – Cícero – com quem se cruza pelo caminho. Portanto, a afirmação de Guacira Lopes Louro (2020, p. 13) de que “o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante” corrobora a discussão aqui proposta e encontra justificativa em *Nossos Ossos*, principalmente quando a própria Guacira Lopes Louro considera que as mais diversas descobertas e experiências identitárias vividas por um corpo *queer* (desviante) emanam da viagem – quem viaja realiza um aprendizado.

Por fim, é válido dizer que as técnicas narrativas utilizadas por Marcelino Freire, em *Nossos Ossos*, endossam a alteridade da representação de um indivíduo marginalizado, nesse caso, de um migrante, nordestino e *gay*. A operacionalização da voz autodiegética atravessa não somente as discussões sobre narratologia, como também as discussões socioculturais e políticas, uma vez que desvela realidades que foram, quase sempre, solapadas no campo literário, como aponta Regina Dalcastagnè:

Em meio à luta, não é de se estranhar que personagens, narradores, e mesmo autores, lancem mão de qualquer recurso disponível para lhes garantir a legitimidade da fala. Seja pela força da argumentação inscrita na ordem tradicional do

discurso, seja pela “autenticidade” de uma voz que vem, há pouco, impondo-se e causando dissonância em um campo literário bastante uniforme (a mulher, o imigrante, o homossexual etc.) cada qual assume seu lugar e manuseia as armas antes do início da batalha (Dalcastagnè, 2012, p. 95).

Em suma, ao nos depararmos com um migrante nordestino assumidamente gay que retorna de São Paulo ao interior Pernambucano, fica claro que o elemento mediador dessa voz é o próprio espaço em que transita. Na viagem de regresso, Heleno também se desloca internamente, subvertendo estereótipos e discursos normalizadores. O romance, portanto, reescreve tanto o corpo social, entendido como lugar de regulação das sociabilidades culturais e sexuais, quanto o corpo subjetivo/sexual, tido como um *locus* de subjetividades/afetividades próprias.

Referências:

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015.

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1edições, 2019.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-165.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARDOSO, S. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, A. (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 347-360.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Maria Alzira Seixo. Lisboa: Veja, 1995.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: _____. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 11-31.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Trad. Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

REIS, Carlos.; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Editora Ática S. A, 1988.